

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Cirlene Smanio Brando

A MORTE CRISTÃ: A CONSTITUIÇÃO DOS RITOS DE PASSAGEM NA IGREJA CATÓLICA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Portella.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Cirlene Smanio Brando, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473159A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A morte cristã: a constituição dos ritos de passagem na igreja católica, desenvolvido durante o período de 22/08/2016 a 20/01/2017 sob a orientação de Rodrigo Portella, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Cirlene Smanio Brando

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A MORTE CRISTÃ: A CONSTITUIÇÃO DOS RITOS DE PASSAGEM NA IGREJA CATÓLICA

Cirlene Smanio Brando¹

RESUMO

O presente texto busca demonstrar como a igreja católica compreende o enigma da morte, oferecendo apoio ao cristão a ter fé perante a notícia da morte e, propiciando, assim, desejar estar com Deus quando ela chegar. Vários medos do ser humano estão relacionados com a morte por ela ser um mistério. O presente trabalho vai retratar, também, os rituais da igreja católica relacionados aos mortos nos quais estão presentes na vida das pessoas. Eles serão abordados a partir de passagens da Bíblia Sagrada e de estudos bibliográficos. Deste modo, destaca-se a Unção dos Enfermos, sacramento da situação de morte; a Celebração das Exéquias, na qual, por meios das orações, traz esperança ao falecido por este ir ao encontro com Deus assim como leva conforto aos amigos e parentes que ficaram e, por fim, a Missa de 7º dia, uma celebração de despedida na qual serve como marco para o término do luto e para o retorno do cotidiano na vida dos familiares e amigos.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Unção dos Enfermos; Rituais fúnebres da Igreja Católica .

1. INTRODUÇÃO

A morte é um acontecimento que desafia o ser humano, é um mistério. Ela causa medo, dor e assusta as pessoas. Lidar com a morte não é nada fácil, apesar de ser natural morrer. A igreja católica com seus ensinamentos ajuda na compreensão da morte e procura amenizar a dor da pessoa que perde um ente querido.

Um dos procedimentos da igreja católica que será abordado aqui com mais destaque é a Unção dos Enfermos, que é uma preparação para a morte e tem a função de aliviar a dor da pessoa que se encontra doente. PEREIRA (2015) fala em seu livro que a Unção dos Enfermos é um sacramento que é ministrado somente por ministros ordenados (padres e bispos). Ele cita que: “O Catecismo da Igreja Católica fala sobre esse sacramento: Pela sagrada Unção dos Enfermos e pela oração dos presbíteros, a Igreja toda entrega os doentes aos cuidados do Senhor sofredor e glorificado, para que os alivie e salve.” (PEREIRA, 2015, P.79)

O sociólogo Émile Durkheim sentencia que: “uma experiência, repetida muitas vezes, demonstrou que, em princípio, os ritos produzem o efeito que se espera deles e que constituem a sua razão de ser” (DURKHEIM, 1989, P. 463).

Será desenvolvido também o tema da celebração das Exéquias, a Missa de 7º dia e o luto. Esses temas são fundamentais na compreensão da morte, segundo a igreja católica e de certa são procedimentos para se lidar com ela.

2 . Compreensão católica sobre a morte

Na Bíblia Sagrada são encontradas passagens onde fala que a morte não é o fim. Como em Isaías 26,19: “Que os vossos mortos revivam! Que seus cadáveres ressuscitem! Que despertem e cantem aqueles que jazem sepultos, porque vosso orvalho é um orvalho de luz e a terra restituirá o dia às sombras”. E que o poder da ressurreição vem de Cristo. “Mas não! Cristo ressuscitou dentre os mortos, como primícias dos que morreram! Com efeito, se por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos. Assim como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos reviverão”. (1Cor 15,20-22)

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (que em latim significa “Alegria e Esperança” sobre a Igreja no mundo contemporâneo, é a única Constituição pastoral e a 4ª das Constituições do Concílio Vaticano II na

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: cirlenesmanio@yahoo.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Portella.

qual trata fundamentalmente das relações entre a Igreja Católica e o mundo onde ela está e onde atua) declara: “Diante da morte, o enigma da condição humana atinge o clímax” (GS18). Segundo o dicionário de Espiritualidade, a Igreja Católica fala que o homem foi criado por Deus para um fim bem-aventurado além do alcance da vida terrena. Não passaríamos pela morte como ela é hoje, se não houvesse o pecado. O mistério da morte corresponde a outro mistério: o da morte temporal. Em função da vida eterna, “o homem não é um ser para a morte, mas sim, um ser para a vida, significando afirmar e ao mesmo tempo superar a morte. A vida tem um sentido porque a morte também tem um sentido: é uma “páscoa”, uma passagem que desemboca na vida sem fim”. (BORNE, 1989, P. 606)

Segundo o Padre Reginaldo Manzotti, (2016) após a morte de cada indivíduo, sua alma separa-se do seu corpo, iniciando assim sua vida eterna até a chegada do juízo particular, este será confirmado pelo juízo final que será realizado nos momentos finais do fim do mundo. A revelação cristã sobre a morte diz que Deus fez da morte dos homens um mistério do amor de Cristo ao Pai, e do pai ao Cristo, ao mesmo tempo e através destes a humanidade.

Segundo o DICIONÁRIO DE TEOLOGIA FUNDAMENTAL (1994) Jesus Cristo sacrificou sua própria vida na cruz para livrar os homens do pecado, abrir-lhes a plenitude do caminho da salvação, da santidade, derrotar o pecado e o mal. E para derrotar sua própria morte, ressuscitou no terceiro dia após sua crucificação. O cristão encontra na experiência de Jesus uma luz que ilumina os horizontes da morte, e nela ocorre algo decisivo para o destino do homem. Na experiência de Jesus são encontradas duas dimensões: uma dolorosa e outra transcendente. Jesus Cristo transforma a morte em um sacramento. Pelo sacramento do batismo o cristão já está “morto em Cristo”, e ao morrer na graça de Cristo, a morte física consome esse “morrer com Cristo” completando assim essa incorporação. (DAVANZO, 1994, P. 806)

“Para os católicos é preciso morrer para ver a Deus, e com a morte se entra na vida eterna.” (Rm 6,3)

Para o cristão, viver e ressuscitar equivale a zelar pela própria vida e pelas vidas de seus semelhantes em uma proporção global que dão prioridade aos valores ou tesouros que “nem a traça nem o caruncho corromem” (Mt.6,20). O cristão participa cada dia da comunhão com Cristo ressuscitado para conseguir ser compreendido, perdoado, ajudado a ressurgir todos os dias e certos de que nada o separará de Cristo. Para ressuscitar definitivamente em Jesus Cristo, o cristão aceita a morte e se colocar nas mãos do Pai. (DAVANZO, 1994, P. 805)

2.1. Visão bíblico-cristã sobre a morte

Na Bíblia Sagrada é afirmada a unidade do ser humano como único, total, completo, e indivisível. Nunca é uma estrutura dicotômica e nem é separado o corpo e alma. Na língua hebraica é confirmada essa unidade, mas diferencia nas pessoas três aspectos ou dimensões diferentes, que são: *basar*, *nefesh* e *ruah*. Cada uma destas expressões indica uma totalidade do ser vivo. No Antigo Testamento fala-se desses aspectos por analogias e símbolos. O homem espiritual revela-se na imagem do corpo, que é o reflexo do espírito. A dimensão *basar* significa carne, corpo, com um sentido mais vasto; é relacionado com a designação antropológica de “homem” como parte de um todo orgânico. (Gen 2,21) A palavra *nefesh* significa alma, é relacionada com o mundo das sensações. No sentido mais primitivo significa “vias respiratórias”, que se abrem e fecham para exalar o sopro da vida. *Nefesh* está ligado ao conceito de *ruah*, que é espírito e atua no interior do homem; não é algo criado por Deus, e sim o próprio Deus que o anima interiormente com sua vitalidade relacional, que é semelhante a si próprio. A vida procede do sopro (*ruah*) de Deus (Ecl 12,6-7; Jo 34,14-15). O homem *basar* é relacionado com o corpo físico, o homem *nefesh* – *ruah* se relaciona com uma base na linguagem, nos sentimentos, nos desejos e emoções, desenvolvendo assim a alma emocional. (DAVANZO, 1994, p. 803).

Segundo a Bíblia Sagrada, no velho Testamento os israelitas tinham a visão que a morte era um fim natural da vida, eles tinham como alvo viver uma vida plena e longa, ter filhos e morrer com sua família. Mas a morte nunca foi vista como uma experiência agradável. Tal como hoje, a morte era um fato triste que separava as pessoas do convívio de familiares e amigos. A morte não era vista como uma passagem para uma vida

melhor no céu. Quando as leis foram dadas a Moisés por Deus para serem repassadas ao povo, estava claramente escrito que qualquer desobediência aos seus mandamentos a consequência seria a morte. Através de Ezequiel Deus afirmou que todas as pessoas que o seguissem teriam vida e se desviassem, certamente morrerá. Diz a passagem na bíblia sagrada: “Se, no entanto o mal renuncia a todos os seus erros para praticar as minhas leis e seguir a justiça e a equidade, então ele viverá decerto, e não há de perecer” (Ezequiel 18,21). Toda morte era vista como um resultado de um pecado e de uma desobediência. Segundo a Bíblia Sagrada os conceitos sobre a morte mudaram. No livro de Daniel aparece a primeira descrição sobre a ressurreição dos mortos: “Muitos daqueles que dormem no pó da terra despertarão, uns para uma vida eterna, outros para a ignomínia, a infâmia eterna” (Daniel 12,2). “os que tiverem sido inteligentes fulgirão como o brilho do firmamento, e os que tiverem introduzido muitos (nos caminhos) da justiça luzirão como as estrelas, com um perpétuo resplendor.” (Daniel 12,3). Essas passagens falam que não há mais um lugar comum para os defuntos, e sim de uma vida nova e diferente segundo o demérito ou mérito de cada indivíduo. (OLIVEIRA, 2011)

A Bíblia Sagrada cita uma passagem onde fala que por Adão e Eva terem cometido o primeiro pecado o homem foi separado de Deus e essa separação trouxe ao mundo a morte. O apóstolo Paulo fala: “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Romanos 3,23). Os homens que cometem o pecado não merecem mais uma relação com Deus. Os escritores do novo Testamento sabiam que sem Deus vive-se com o medo morrer. O livro dos Hebreus fala que o Diabo é o senhor da Morte: “porquanto os filhos participam da mesma natureza, da mesma carne e do sangue, também ele participou, a fim de destruir pela morte aquele que tinha o império da morte, isto é, o demônio” (Heb 2,14). Segundo a Bíblia Sagrada é descrito a vitória de Jesus sobre a morte, no novo Testamento ele sacrificou sua própria vida na cruz para livrar os homens do pecado, abrir-lhes a plenitude do caminho da salvação e da santidade. São várias as passagens na Bíblia Sagrada que fala de Jesus e a morte: “E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e a morte na cruz” (Flp 2,8). “Sim, ele morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu” (II Cor 5,15). “Pois também Cristo morreu uma vez pelos nossos pecados, o justo pelos injustos, para nos conduzir a Deus. Padeceu a morte em sua carne, mas foi vivificado quanto ao espírito que ele foi pregar aos espíritos que eram detidos no cárcere, aqueles que outrora, nos dias de Noé, tinham sido rebeldes” (I Pe 3, 18-19). Todas as pessoas que tem um compromisso com Jesus passam da morte para a vida eterna. Com morte e a ressurreição de Cristo as pessoas tem uma comunhão com Deus. “Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo” (II Cor 5)

3. O rito fúnebre

VAN GENNEP (2011) sustenta a proposição que o rito fúnebre é um rito de passagem, em seu livro ele fala que todas as mudanças para uma pessoa como ir para outro lugar, mudar de posição social, ou até mesmo mudar a idade, os ritos à acompanham. Os rituais de “transição” apresentam três fases: 1) separação ou ruptura (comportamento simbólico que se refere ao afastamento do indivíduo), 2) margem ou liminar (estado do indivíduo é ambíguo), 3) agregação ou reintegração (condição estável do indivíduo, com deveres e direitos definidos).

VICTOR TURNER (1974) que teve como referência Van Gennep, desenvolveu uma teoria em que a sociedade está dividida em dois momentos: a estrutura, que são as realidades cotidianas que é o modelo básico de sociedade e a “antiestrutura” que são momentos extraordinários. A estrutura institui a “antiestrutura”. Na tentativa de lidar com suas crises, a sociedade estabelece as “*communitas*” que é um período liminar onde pessoas ou grupos representam simbolicamente papéis que correspondem à posições que são invertidas em relação ao status que habitualmente possuem, é o momento no qual se situam em *betwixt and between* (Esse termo é utilizado por Victor Turner que pode significar “entre dois mundos”, “aquém e além de dos pontos fixos” e no coloquial “nem lá nem cá”).

As cerimônias funerárias nesse contexto fazem parte de ritos de separação entre vivos e mortos. A morte é vista como momento ou transição onde o morto é aglomerado ao mundo dos mortos:

as pessoas para quem não se observam os ritos funerários são condenadas a uma penosa existência, pois nunca podem entrar no mundo dos mortos ou se incorporar a sociedade lá estabelecida. Estes são os mais perigosos dos mortos. Eles desejam ser incorporados ao

mundo dos vivos, e, porque não podem sê-lo, se comportam em relação a eles como forasteiros hostis. Eles carecem dos meios de subsistência que os outros mortos encontram em seu próprio mundo e conseqüentemente devem obtê-los à custa dos vivos. (GENNEP apud REIS, 1991, P. 89).

VICTOR TURNER (1974) desenvolve que nesse momento de liminaridade se faz necessária as cerimônias como as missas, o sepultamento e a garantia de extrema-unção.

A Bíblia Sagrada afirma nessa passagem que enterrar os mortos é uma obra de misericórdia: “Os homens de Judá foram ali e sagraram Davi da casa de Judá”. Foi anunciado ao rei que os homens de Jabes em Gallad haviam sepultado Saul. Davi mandou-lhes mensageiros, dizendo: “Benditos sejais pelo senhor, por terdes esta obra de misericórdia para com o vosso senhor Saul, sepultando-o!” (II Samuel 2, 4-5). Nessa outra passagem são lembrados que todos somos outros cristos e merecemos ter um sepulcro, como Cristo teve:

“À tardinha, um homem rico de Arimateia, chamado José, que era também discípulo de Jesus, foi procurar Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos cedeu-o. José tomou o corpo, envolveu-o num lençol branco e o depositou num sepulcro novo, que tinha mandado talhar para si na rocha. Depois rolou uma grande pedra à entrada do sepulcro e foi-se embora”. (Mt 27, 57-60).

“As cerimônias funerárias fazem parte de ritos de separação. No culto aos mortos o cristão não centraliza suas atenções nas recordações de quem partiu, e sim a esperança em Cristo é renovada”. (DAVANZO, 1994, P.808).

Segundo Surerus (1997), o rito fúnebre é um ritual de organização social, de diálogo entre as pessoas. Ele conta com uma grande variedade de símbolos, entre eles: a cruz, o caixão, as velas, as flores, as vestimentas, a água (batismo), o fogo (é a fonte de luz), a luz as velas e dos círios (o calor que é um processo que demora certo tempo, podendo ser relacionado com as lágrimas, com a tristeza e com o choro). No cemitério existem símbolos como: fotos que são colocadas nos túmulos, as mensagens inscritas nas lápides que revelam a dor da perda da pessoa querida, as flores, objetos colocados por parentes nos mais variados tipos de túmulos.

Para DURKHEIM (1989) o velório é uma evento coletivo onde as pessoas permanecem velando o falecido que fica exposto durante horas que precedem seu enterro. Há uma estrutura social da comunidade. Ele afirma que: “o estado afetivo no qual o grupo se encontra então reflete as circunstâncias que atravessa” (DURKHEIM 1989, P.474). Existe um efeito que contagia, ou seja: “não somente os próximos mais diretamente atingidos trazem para a assembléia a sua dor pessoal, mas a sociedade exerce sobre os seus membros uma pressão moral para que coloque os seus sentimentos em harmonia com a situação”. (DURKHEIM, 1989, .474).

Após um indivíduo morrer, cabe aos que ficaram a preparação do ritual de passagem para a transição do morto, que deverá seguir em espírito ao seu destino final: Existem dúvidas ao destino do morto, pois:

O morto tem posição ambígua: ao mesmo tempo que está entre os vivos – iguala-se aos mortais em presença – está partindo para ser diferente dos que ficam (na qualidade de ancestral). O cadáver está em uma situação marginal, deslocado e excluído do padrão social; seu status é indefinível. Seu futuro também é ambíguo (lugares misteriosos), tanto “céu” quanto “inferno” são lugares que não existem concretamente. (DOUGLAS apud SURERUS, 1997, p.23).

VAN GENNEP (2011) cita em seu livro que

“O homem é considerado formado de vários elementos cujo destino não é o mesmo depois da morte. Esses elementos são: corpo, força vital, alma-sopro, alma-sombra, alma-polegar, alma-animal, alma-sangue, alma-cabeça ,etc. Algumas dessas almas sobrevivem para sempre ou por certo tempo, outras morrem, etc.” (GENNEP, 2011, p.126)

MUNDY (2011) escreveu um guia para ensinar aos adultos como ajudar as crianças a lidarem com os funerais e a morte. Mesmo os adultos estando tristes com a perda de alguém querido, não se pode esquecer que as crianças precisam de atenção, carinho e cuidados. É difícil lidar com o próprio luto, mas é importante dedicar um tempo para dar explicações sobre o acontecimento da morte para uma criança. A morte e o velório

tem muito mistério para as crianças. Elas são observadoras e precisam ser orientadas com amor sobre esta situação, para não tirarem conclusões equivocadas. Várias perguntas podem ser feitas por elas, como: por que as pessoas morrem? Morrer dói? A resposta mais correta é explicar que as pessoas nascem, crescem e morrem por motivos variados, como a doença, a velhice ou por causa de um acidente. E a dor maior para algumas pessoas é saber que perderam alguém muito querido. É importante ser explicado como é um velório, que há flores, podem haver fotos, pessoas chorando e tristes em volta do caixão. Na igreja há cerimônias de despedida, onde as orações, as canções do padre ou ministro e das pessoas em volta ajudam a vencer um pouco da tristeza pela pessoa que se foi, e a acreditar que escutando a palavra da bíblia, Deus cuidará do ente que se foi e estará sempre por perto para nos ajudar também.

4. Unção dos enfermos

Segundo a Igreja Católica, a Unção dos enfermos ou “Extrema Unção” é o sacramento da situação de morte. É também um sacramento que concede a saúde da alma mediante a oração e a unção com óleo santo. Foi exposta nos documentos dos Concílios Ecumênicos do Florentino e do Tridentino e do Vaticano II. É realizada pelo sacerdote que concede ao doente o alívio espiritual, a graça e o conforto, muitas vezes do corpo também. O sacramento da Unção dos enfermos ajuda os fiéis doentes na velhice ou em perigo de morte a terem forças para testemunharem Jesus Cristo em meio ao sofrimento por qual estão passando. É aconselhável se possível, os enfermos confessarem seus pecados ao padre antes de receberem a unção.

Segundo a Unção e Pastoral dos Doentes (2016), ao preparar a celebração da unção dos enfermos, o sacerdote deve explicar o significado do sacramento para a família e o doente, se possível. O sacerdote pode conceder o sacramento com vários doentes simultaneamente em hospitais ou em casas de saúde, levando em conta os outros doentes presentes, caso eles não preferem a fé católica, em reuniões de fiéis como em peregrinações ou grupos de fiéis doentes de uma diocese. Nesse caso há os ritos iniciais, a ato penitencial, se caso não houver a confissão sacramental, faz-se a leitura de um texto breve da Sagrada Escritura, reza-se a ladainha, depois o sacerdote unge o doente e para concluir o rito o sacerdote lê uma oração dominical. Quando a unção é conferida dentro da missa, deve-se rezar a missa para a Unção dos enfermos, com parâmetros de cor branca, conforme é citado: "Esta missa pode dizer-se todos os dias, exceto nos domingos do Advento, da Quaresma, da Páscoa, na Semana Santa, nas solenidades, na oitava da Páscoa, na Comemoração de todos os Fiéis Defuntos e na Quarta-feira de Cinzas". (PORTUGAL, 1972, p.64). A Unção confere-se após o Evangelho e da Homília. A Unção é conferida pelo sacerdote também caso se houver dúvidas se o doente ainda está vivo, nesse caso, o sacerdote se aproxima do doente, havendo tempo e diz: "Com a oração da nossa fé, peçamos ao Senhor pelo nosso irmão N, para que o visite com a sua misericórdia e o reanime com a Santa Unção". R. Ouvimos Senhor. é dado imediatamente a Unção dizendo: "Por esta santa Unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça de Espírito Santo, amém. "Para que, liberto dos teus pecados, ele te salve, e na sua bondade, alivie os teus sofrimentos. Amém". (PORTUGAL, 1972, p.101). Se as circunstâncias permitirem, o sacerdote faz o rito inteiro, do seguinte modo: A pessoa é ungida pelo sacerdote na frente e nas mãos com o óleo benzido proferindo uma só vez as palavras: "Por esta santa Unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo R. Amem. Para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos. R. Amem."

Depois pode dizer esta oração:

"Oremos: Cristo, Redentor do mundo, nós Vos pedimos: curai pela graça do Espírito Santo a fraqueza deste doente, sarai as suas feridas, perdoai os seus pecados, tirai-lhe todas as dores da alma e do corpo e restituí-lhe, por piedade, a plena saúde interior e exterior, para que, restabelecido graças à vossa misericórdia, retome as anteriores ocupações. Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo. Todos respondem: Amém". (PORTUGAL, 1972, p. 58)

Ou esta outra oração:

"Senhor Jesus Cristo, que, para resgatar os homens e curar os doentes, quisestes assumir a nossa natureza humana, olhai propício para este vosso servo, que tanto necessita da saúde da alma e do corpo; restabelecei com o vosso poder e consolai com a vossa ajuda aquele que

ungimos em vosso nome com a santa Unção, para que consiga levantar as forças e vencer o mal (e concedei àquele que fizestes participante da vossa Paixão a graça de confiar na eficácia dos seus sofrimentos). Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo" (PORTUGAL, 1972, p.59).

Na Bíblia Sagrada há uma passagem que profere: "Meu ardente desejo e minha esperança são que em nada serei confundido, mas que hoje como sempre, Cristo será glorificado no meu corpo (tenho toda a certeza disto), quer pela minha vida, quer pela minha morte. Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro". (Fl 1,20-21). Em outra passagem é citado o enfermo: "Está alguém enfermo? Chame os sacerdotes da Igreja, a estes façam oração sobre ele, unguindo-os com óleo em nome do Senhor" (Tg 5, 14-15).

Segundo o Catecismo da Igreja, a unção dos enfermos é: "um sacramento que existe entre os sete sacramentos especialmente destinado a reconfortar aqueles que são provados pela enfermidade" (CAIC, 1993, P.358 §1511). E pronuncia também que é conferido aos representantes oficiais da igreja que são os padres e os bispos, a incumbência de entregar os doentes a Deus através da unção dos enfermos, pois: "pela sagrada Unção dos Enfermos e pela oração dos presbíteros, a Igreja toda entrega os doentes aos cuidados do Senhor sofredor e glorificado, para que os alivie e salve" (CAIC, 1993, p. 355 §1499).

4.1 Viático

Segundo a Unção e Pastoral dos Doentes (2016), na igreja católica é dada uma última comunhão eucarística às pessoas que estão prestes a falecer, é dado o nome de Viático. Devem receber o Viático todos os fiéis batizados, e por preceito, todos os fiéis em perigo de vida que estejam capazes de receber a comunhão. Os vigários paroquiais, o pároco, os capelães são os ministros ordinários do Viático.

Segundo a Igreja Católica, o doente ao receber o Viático é renovado a profissão de fé do batismo com a promessa de vida eterna. O enfermo que se encontra próximo a falecer é previsto: "uma celebração contínua para administrar ao doente os sacramentos da Penitência, Unção e Eucaristia a modo de Viático" (UNÇÃO E PASTORAL DOS DOENTES 2016 p. 25). Se possível, a pessoa que está prestes a falecer deve receber o Viático dentro da missa, mas pode recebê-lo fora da missa também, segundo alguns ritos e normas que prevêem que, após a celebração da missa o Sangue do Senhor é conservado num cálice coberto guardado dentro do sacrário. Este é levado ao doente pelo ministro que vai administrá-lo do modo mais adequado. "É permitido administrar a Eucaristia apenas sob a espécie do vinho e àqueles que não podem receber sob a espécie do pão". (UNÇÃO E PASTORAL DOS DOENTES 2016, p.69).

Há uma passagem da Bíblia Sagrada que expressa: "quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6,54)

5. As Exéquias

Segundo a liturgia cristã dos funerais, as exéquias é uma celebração do mistério pascal de Cristo, onde nas orações a igreja católica pede que seus filhos falecidos passem da morte à vida sendo purificados na alma, enquanto o corpo espera na esperança da vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos. O Ritual das Exéquias profere-se segundo três esquemas diferentes: 1) o primeiro esquema prevê três momentos: em casa do defunto, na igreja e no cemitério; na igreja normalmente é celebrada a missa exequial, (proibida somente no Tríduo Pascoal, na Quaresma, na Páscoa, nas solenidades de preceito e nos domingos de Advento). Quando a missa não é permitida, lê-se o Leccionário dos Defuntos, exceto se for um dia do Tríduo Pascoal, a Epifania, a Pentecostes, a Ascensão, o Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo ou em outra solenidade de preceito (CF. Rescrito da Sagrada Congregação para o Culto Divino, 18 de setembro de 1974. Prot. nº 2036/74). Se por motivos pastorais a missa não estiver incluída a celebração das Exéquias, ela é adiada para o outro dia, se possível, mas será prescrita na Liturgia da Palavra. O momento na igreja compreende sempre a Liturgia da Palavra. 2) o segundo esquema prevê dois momentos: na capela do cemitério e junto da sepultura. (não está previsto nesse momento a celebração da missa, mas ela será celebrada na ausência do cadáver, antes ou depois do seu sepultamento). 3) o terceiro esquema possui um só momento: em casa do defunto. (nas zonas

rurais compreende três momentos: na casa do defunto, na igreja e no cemitério, possuindo duas procissões intermediárias, que vai da casa do falecido para a igreja e desta para o cemitério). Em algumas regiões este rito é considerado inútil, mas em algumas regiões necessário. É aproveitado elementos comuns aos outros dois esquemas (liturgia da Palavra e o rito da Última Encomendação e Despedida). Podem haver ritos particulares que são baseados no Ritual Romano (pertencentes à Conferência Episcopal) que conservam os três esquemas distintos das Exéquias, invertem sua ordem ou eliminam um ou outro esquema. A Conferência Episcopal vai atender a todas as necessidades que julgar oportunas. Após a missa exequial é realizado o rito da Última Encomendação e Despedida. É visto como a última saudação dirigida pela comunidade cristã a um dos seus membros antes que se leve o corpo para a sepultura. Esse rito é feito pelo sacerdote e na presença do cadáver. O sacerdote faz a leitura da Palavra de Deus explicando seus significados, (essa leitura é de extrema importância), pois proclamam o mistério pascal agilizandando a esperança do novo encontro no reino de Deus, afervoram a piedade e despertam o testemunho de uma vida cristã verdadeira), depois há um momento de silêncio, seguido pela aspersão (é recordado o Batismo do cristão), a incensação (o corpo do defunto é honrado) e o cântico de despedida. Os sacerdotes tem o dever de exprimir para a dor dos familiares palavras de ânimo que reavivam a fé no mistério pascal e na ressurreição dos mortos, tomando o cuidado para não ofender as pessoas tristes, compreendendo as circunstâncias da morte do defunto Quando uma criança morre sem o batismo, é feito o ritual das exéquias por ela confiando-as à misericórdia de Deus. As exéquias sem missa são feitas por um diácono. Caso não haja sacerdote ou diácono, fiéis leigos podem dirigir as exéquias do primeiro esquema.

Segundo a Igreja Católica os fiéis tem a liberdade de escolherem pela cremação do seu próprio corpo (apesar da igreja preferir o costume de sepultar os corpos), e esta escolha não os impede da celebração das exéquias. Ela é celebrada perante o cadáver e antes da cremação do corpo, caso a família preferir e o Ordinário do lugar aceitar, ela pode ser feita também após a cremação perante a urna com as cinzas. Nesse caso, não há procissão ao cemitério e nem a bênção do sepulcro, por isso o rito da Encomendação e Despedida é celebrado na própria igreja no final da Missa ou Liturgia da Palavra. (PORTUGAL, 2016, p. 160)

Jesus fala das crianças em uma passagem da bíblia: "Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais, porque o Reino de Deus é daqueles que se lhes assemelham" (Mc 10,14).

Os autores se expressão também sobre as exéquias:

As exéquias marcam simbolicamente o fim da vida pública do falecido que poderá ser visitado em local público, mas não será visto nem tocado, apenas lembrado. Os enlutados (temporariamente) se afastam das festividades e voltam-se para a plenitude de uma vida interior, vivenciando o processo de luto (MIRANDA apud SURERUS, 1997, p.33)

A liturgia da palavra, no ritual de exéquias, dá início à construção de um corpo de palavras para ser ausente. Esse corpo de palavras vai preencher vazios e ajudar a eliminar, poeticamente, as ilusões. Pelo trabalho de luto, um amplo e misterioso diálogo vai estabelecer-se entre o que será doravante uma perene presença: a ausência do morto em cada um. o ausente vai falar..." (MIRANDA apud SURERUS, 1997, p. 62)

6. A Missa de 7º dia e seus significados

Segundo PEREIRA (2015) a palavra missa vem do latim e significa despedida. É um relato de memórias carregadas de saudade. Sendo assim, a missa de 7º dia rezada para os falecidos tem um significado teológico. A missa de 7º dia é uma celebração de despedida. A família e amigos já se reuniram no falecimento do ente querido e durante a celebração das exéquias. Na missa de 7º dia é reunida todos novamente para uma despedida final do falecido e para entregá-lo nas mãos de Deus. "Ao celebrar sua páscoa, na missa de 7º dia, fazemos sua memória, e isso o traz de volta na nossa lembrança". (PEREIRA, 2015, p. 59)

Uma missa pode ser celebrada no 7º dia para as pessoas que partiram ou não, como ele destaca:

A missa é uma cerimônia única, dividida em várias partes ou ritos (ritos iniciais, Liturgia da palavra, Liturgia Eucarística, Rito da Comunhão e Ritos finais), sendo, portanto, um memorial do sacrifício de Cristo, e que mantém a mesma estrutura, independentemente das

circunstâncias ou das suas intenções, ou seja, mesmo que seja uma missa de 7º dia, ela manterá a sua estrutura, não sendo algo fora do ritual. (PEREIRA, 2015, p.58)

Para a Igreja Católica a missa de 7º dia é baseada na Palavra de Deus. Na bíblia cristã o número sete é igualado à perfeição de Deus. Há uma passagem onde fala: “Tendo Deus terminado no sétimo dia a obra que tinha feito, descansou do seu trabalho”. (Gn 2,2). Outras passagens citam também sobre o número sete: “Chegando à eira de Atad, além do Jordão, fizeram uma grande e solene lamentação, e José celebrou, uma honra de seu pai, um pranto de sete dias” (Gn 50,10). “Tomaram os ossos e os enterraram debaixo da tamareira, em Jabes. Depois disso jejuaram sete dias” (1Sm 31,13). “O luto por um morto dura sete dias, mas por um insensato a um ímpio dura toda sua vida” (Eclo 22,13) (SANTOS, 2016).

Segundo PEREIRA (2015) a missa de 7º dia faz parte do conjunto que cerca o luto, é um ritual que demarca o período de resguardo após o acontecimento trágico da morte e o retorno da vida cotidiana dos familiares e amigos. A missa de 7º dia é um ritual católico realizado mais fortemente no Brasil, não sendo muito seguido em outros países. Devido a falta de meios de comunicação dos parentes e amigos a respeito da morte do falecido e de não poderem estarem presentes em seu velório e sepultamento, a tradição da missa de 7º dia se enraizou. A missa de 7º dia é um momento de solidariedade social, onde amigos e parentes se reúnem para rezarem pelo falecido e de o entregarem definitivamente à Deus. Ela marca também simbolicamente a divisão da morte do falecido com o retorno da vida cotidiana dos familiares e amigos. É importante ressaltar que a missa de 7º dia é um ato de evangelização dos católicos, onde é manifestada a fé e a ressurreição e não é meramente um ato social. Os temas de reflexão durante a homilia da missa de 7º dia devem ser sobre a fé católica, associado com o tema da morte e ressurreição e passarem também uma mensagem de conforto para os parentes e amigos presentes. (PEREIRA, 2015, p.58-59)

6.1. O luto

PEREIRA (2015) fala que o luto é o período que uma pessoa passa sentindo uma forte e dolorosa tristeza por ter morrido alguém que ela amava e estimava. Há certos sinais que demonstram que uma pessoa se encontra em estado de luto, como a roupa totalmente na cor preta, que era mais usada antigamente. Atualmente é usada uma peça de roupa na cor preta ou uma tarja preta, sendo mais discreta e mais reservada do que os costumes antigos. O luto é marcado pelos rituais fúnebres, destacando-se a missa de 7º dia. Ao ser realizado o rito da missa de 7º dia, o luto é concluído. Apesar de que o sentimento não acaba instantaneamente após a missa, podendo levar meses e até anos, dependendo do caso. Mas, “a cerimônia da missa de 7º dia não é algo determinante na vida das pessoas católicas nesse período de luto, porque, ao mesmo tempo em que colabora no processo de elaboração do sentimento de profunda tristeza motivada pela morte, reconforta do enfraquecimento por ela causado” (PEREIRA, 2015, p.71)

DURKHEIM (1989) constata que “o luto não é expressão espontânea de emoções individuais” (DURKHEIM 1989, P.471), mas uma coisa que é induzida por um grupo: “é dever imposto pelo grupo” (DURKHEIM 1989, P.472). Assim para DURKHEIM a origem do luto se encontra em um grupo que perdeu um membro querido e sentem-se enfraquecidos. A função do luto é a de reconstituir a perda: “saem do luto, e saem dele graças a ele mesmo” (DURKHEIM, 1989, p.477).

VAN GENNEP (2011) considera o luto como ritos que reintegram a pessoa na vida social. Ele cita em seu livro que: “o luto os vivos e o morto constituem uma sociedade especial, situada entre o mundo dos vivos de um lado, e o mundo dos mortos, de outro, da qual os vivos saem mais ou menos rapidamente conforme fossem mais estreitamente aparentados ao morto.” (GENNEP, 2011, p.127)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um momento delicado para o ser humano é o confronto com a morte. Mesmo amando as pessoas intensamente, um dia teremos que nos despedir delas, confrontando com a dor, o sofrimento e a saudade. É nesse momento que a igreja entra para transmitir as pessoas o conforto e o consolo que provém de Deus. Os ritos fúnebres devem estar baseados na esperança pela fé e ressurreição. Com o Apóstolo Paulo confessamos:

“se vivemos, para o Senhor vivemos, se morrermos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morremos, somos do Senhor”. (Rm 14,8)

As pessoas precisam de rituais que as ajudem a se despedirem de seus entes queridos e o entregarem nas mãos de Deus. Esses rituais são os ritos fúnebres cristãos, que são celebrações litúrgicas de uma comunidade para se despedirem da pessoa falecida, como a Unção dos Enfermos, as exéquias, a Missa de 7º dia e o luto. Eles possuem vários símbolos, como a cruz, as velas, o caixão, a água, as vestimentas. (SURERUS, 1997, p. 26)

“O período de margem nos ritos funerários caracteriza-se em primeiro lugar materialmente pela estadia mais ou menos longa do cadáver ou caixão na câmara mortuária (velório), no vestíbulo da casa, etc”. (GENNEP, 2011, p. 128)

A religião cristã lida com a dor que a morte provoca nas pessoas, anunciando a esperança para elas. É um dos momentos mais importantes para a Igreja, pois demonstra o amor de Deus às pessoas, confortando-as. Há uma passagem na bíblia que fala que Jesus ressuscitou por inteiro após sua morte, e algumas mulheres foram ao seu sepulcro, mas ele não estava lá. “Nesse momento Jesus apresentou-se diante delas e disse-lhes: “Salve” aproximaram-se elas e, prostradas diante dele, beijaram-lhe os pés” (Mt 28,9). Jesus Cristo deu a esperança da ressurreição às pessoas ao ser ressuscitado.

O cristão tem fé na boa notícia da morte, pois há um dia em que não se acabará nunca, como fala na passagem: “sinto-me pressionado dos dois lados: por uma parte, desejaria desprender-me para estar com Cristo o que seria insensatamente melhor” (Fl 1,23). Para os católicos, a morte é o batismo definitivo, é o caminho para vida eterna.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA - **Edição Claretiana**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2001.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. (**CAIC**). Petrópolis, Vozes, 1993.

PORTUGAL. Secretariado Nacional da Liturgia. **Celebração das Exéquias**. Conferência Episcopal Portuguesa. Disponível em: <<http://www.liturgia.pt/rituais/Exequias.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2016.

MANZOTTI, Padre Reginaldo. **Catecismo da igreja católica, o que vem depois da morte**. Disponível em: <<http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/sala-leitura/campanha-do-aborto/oqvemdepoisdamorte.html>> Acessado em 03 out. 2016.

BORNE, P. Grelot E. **Dicionário de espiritualidade**. Tradução da edição espanhola, adaptada por Augusto Gereira, Isabel Fontes, Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

DAVANZO, J. **Dicionário de teologia fundamental**. Dirigido por René Latourelle e Rino Fisichella. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo, Paulinas, 1989.

OLIVEIRA, P. Elias de. **Missão vivos**. O site da fé cristã. 2001. Disponível em: <<http://www.vivos.com.br/311.html>> Acessado em: 1 set. 2016.

MUNDY, Michaelene. **O que acontece quando alguém morre?** Um guia para crianças lidarem com a morte e os funerais. Ilustrações, R.W. Alley, tradução Alexandre da Silva Carvalho. Coleção terapia infantil. São Paulo. Paulus, 1ª Edição 2011.

PORTUGAL. Secretariado Nacional da Liturgia. **Unção e Pastoral dos Doentes**. Conferência Episcopal Portuguesa, 1972. Disponível em: <<http://www.liturgia.pt/rituais/Enfermos.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

PEREIRA, José Carlos. **Pastoral da Esperança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SANTOS, P. Valdiron. **Paróquia Santa Terezinha**. Arquidiocese de São Paulo, região Episcopal Sant'Ana. Disponível em: <<http://www.paroquiasantaterezinha.com.br/por-que-se-celebra-a-missa-de-7º-dia/>> Acessado em: 02 nov. 2016.

SURERUS, Christiane Hargreaves. **Ritual Fúnebre. A presença da Ausência**. 1997. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1997.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.